

Débora Souto Allemand
deborallemmand@hotmail.com
Eduardo Rocha
amigodudu@yahoo.com.br
Rafaela Barros De Pinho
rafaelaapinho@gmail.com
Programa de Pós-graduação em Arquitetura e
Urbanismo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

DESCOBRINDO “PARA-FORMALIDADES”: ATIVIDADES QUE GRITAM POR ESPAÇO

RESUMO

A pesquisa trabalha no sentido de mapear e dar visibilidade às cenas “para-formais” encontradas no espaço público dos centros de cidades latino-americanas. Entendemos “para-formal” como todas as atividades encontradas no espaço público da cidade que não fazem parte de seu desenho urbano (original), mas que “agora” fazem parte de seu cotidiano. A investigação se dá a partir de cartografias urbanas, fazendo uso de recursos infográficos e sendo divulgado em tempo real por meio de website. Destacamos as principais “para-formalidades” encontradas na maioria das cidades que estudamos: trailers, para-ciclos inventados,

para-formal no formal, vendedores isolados móveis e o grandes conjuntos para-formais. Podemos adiantar que é possível compreender que esses equipamentos são parte da cidade e devem ser levados em consideração pelos arquitetos e urbanistas, tanto em novos projetos como em revitalizações arquitetônicas e urbanísticas.

PALAVRAS-CHAVE: PARA-FORMAL - DESENHO URBANO - CARTOGRAFIAS URBANAS.

ABSTRACT

The research works towards mapping and profiling the scenes “para-formal” found in the public space of the centers of Latin American cities. We understand “para-formal” as all activities found in the public space of the city that are not part of their urban design (the original), but that “now” part of their daily lives. The research starts from urban cartography, making use of infographics and resources being released in real time via the website. Highlight the main “to-tape” found in most cities we studied: trailers, for-cycles invented, para-formal in the formal, isolated mobile sellers and large ensembles para-formals. We anticipate that it

is possible to understand that the equipment is part of the city and should be considered by architects and planners, both in new projects such as in architectural and urban revitalization.

KEY-WORDS: PARA-FORMAL - URBAN DESIGN - URBAN CATOGRAPHY.

O QUE É “PARA-FORMAL”?

Claros, escuros e cinzas, como num filme noir, a cidade surge de várias maneiras aos nossos olhos. Uma mesma cidade possui várias identidades, as quais se apresentam como um enigma da esfinge. Ao visitante, ela mostra a face sedutora, que convida ao turismo e à descoberta, mas ao mesmo tempo pode apresentar um aspecto aterrador, uma entrada em um universo desconhecido no qual cada esquina representa um desafio a ser vencido, surpresas iminentes, como quando nos deparamos frente a uma “para-formalidade”.

Este escrito é fruto de projeto de pesquisa que se dedicou entre os anos de 2011 e 2012 a experimentar essas “para-formalidades” nos territórios centrais de algumas cidades latino-americanas - Bagé, Salvador, Montevidéu,

Santiago do Chile, Santo Ângelo, La Plata, Pelotas, Brasília, São Paulo e Jaguarão (figura 1) –, e as mapeou a partir de cartografias urbanas, fazendo uso de recursos infográficos e sendo divulgado em tempo real por meio de website. A pesquisa se voltou para os espaços não regulados, espaços anarquistas, onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas, que podem gerar mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade.



Figura 1. Mapa de localização das cidades onde ocorreu coleta de dados do “para-formal” **Fonte:** <http://www.guiageo-americas.com/mapas/americanasul-politico.htm>. Edição: Rafaela Barros de Pinho, 2013.

A cidade contemporânea é um lugar de fronteira, de ruptura, uma cidade troca, onde proliferam zonas abandonadas, baldias e, ao mesmo tempo, surgem novas culturas e subculturas, tais como as atividades “para-formais”, as quais são manifestações cotidianas da cidade.

O espaço público das cidades na contemporaneidade não está definido e limitado pelos planos urbanísticos, em muitas ocasiões são os habitantes da cidade que decidem que espaço vai ser público e qual não vai ser; que espaço cumprirá uma função ou outra. E é assim que surgem as atividades “para-formais”, nessas “zonas de ninguém”, zonas que passam a cumprir uma função diversa da original. Assim, a pesquisa aproximou-se das áreas centrais de cidades, que são os lugares de diversidade e densificação de atividades “para-formais”. Encontra-se nesses espaços, o “outro urbano”, aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano dessa outra urbanidade, através de táticas de resistência e apropriação do espaço

urbano, de forma anônima (ou não) e dissensual, radical. Esse “outro urbano” se explicita através da figura do morador de rua, ambulante, camelô, catador, prostituta, artistas, entre outros (figura 2). “Para-formal” é uma palavra criada pelo grupo argentino GPA (2010), é um conceito de fronteira, que ao contrário da oposição entre o formal e o informal – a partir de áreas do conhecimento como o urbanismo e a economia, que categorizam seus estudos e objetos em cidade/economia formal e informal – busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui denominamos como “cenas urbanas para-formais”. Um modelo de investigação “para-formal” que se apropria de categorias alternativas para explorar o “campo do meio”, a zona cinza, onde se desenvolve a verdadeira máquina da cidade. O “para-formal” nesse sentido, é algo artificial e provisório, algo relativo à forma, mas que ao mesmo tempo não se configura como tal, é um lugar do cruzamento entre o formal (formado)

e o informal (em formação), entre o previsível e o imprevisível.

Nessa pesquisa, as atividades consideradas “para-formais” foram aquelas que se encontraram no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), todas as atividades (comerciais, culturais, moradia, etc.) encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de seu desenho urbano (original), mas que “agora” – na contemporaneidade – fazem parte de seu cotidiano. São cenas urbanas, individualizadas por imagens fotográficas e anotações. O “para-formal” no cotidiano das cidades gera controvérsias (disputas, opiniões diversas ou debates) na sua relação cidade-corpo e corpocidade, às vezes veladas e dóceis outras reveladas e desobedientes.

“Para-formal” é uma palavra criada pelo grupo argentino GPA (2010)¹, é um conceito de fronteira, que ao contrário da oposição entre o formal e o informal – a partir de áreas do conhecimento como o urbanismo e a economia, que categorizam seus estudos e objetos em cidade/economia formal e informal – busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui denominamos como “cenas urbanas para-formais”. Um modelo de investigação “para-formal” que se apropria de categorias alternativas para explorar o “campo do meio”, a zona cinza, onde se desenvolve a verdadeira máquina da cidade. O “para-formal” nesse sentido, é algo artificial e provisório, algo relativo à forma, mas que ao mesmo tempo não se configura como tal, é um lugar do cruzamento entre o formal (formado) e o informal (em formação), entre o previsível e o imprevisível.

1 O grupo Gris Público Americano (GPA) é um coletivo independente, formado por um grupo de arquitetos argentinos com sede em Buenos Aires, integrado por Mauricio Corbalán, Paola Salaberrí, Pío Torroja, Adriana Vázquez, Daniel Wepfer e Norberto Nenninger [<https://www.facebook.com/grispublicoamericano.gpa>]. Propõe investigações que têm como ponto central as situações de controvérsias urbanas, polémicas e/ou complexas.



Figura 2. “Para-formalidades” Fonte: Débora Allemand, 2013.

Nessa pesquisa, as atividades consideradas “para-formais” foram aquelas que se encontraram no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), todas as atividades (comerciais, culturais, moradia, etc.) encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de seu desenho urbano (original), mas que “agora” – na contemporaneidade² – fazem parte de seu cotidiano. São cenas urbanas, individualizadas por imagens fotográficas e anotações. O “para-formal” no cotidiano das cidades gera controvérsias (disputas, opiniões diversas ou debates) na sua relação cidade-corpo e corpocidade, às vezes veladas e dóceis outras reveladas e desobedientes.

COMO CAPTURAR O “PARA-FORMAL” NAS CIDADES?

No decorrer do trabalho buscaram-se como objetivos: compreender e sistematizar as “para-formalidades” encontradas nos centros das cidades, com a intenção de dar visibilidade aos fenômenos urbanos da contemporaneidade; analisar a relação da cidade formal com suas “para-formalidades”; estabelecer variáveis que permitem ilustrar de maneira clara o espaço e o tempo como sentido básico de orientação, tudo isso através de elementos de leitura de planos e cartografias (imagens) e; errâncias urbanas³, como forma de desvendar a cidade dentro da cidade.

2 “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e dele toma distâncias [...]” (AGAMBEN, 2009, p. 59). AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

3 Segundo Paola Jacques: “Errar, ou seja, a prática da errância pode ser um instrumento da experiência urbana, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método ou de um diagnóstico tradicional. A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um, mas que o errante pratica de forma voluntária. O errante é então aquele que busca o estado de espírito (ou melhor, de corpo) errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções” (2006, p.6).

Delimitaram-se, a partir desses objetivos, os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa referente às cidades estudadas; coleta de imagens exploratórias errantes em trechos de áreas centrais de cidades; identificação, análise e classificação dos equipamentos “para-formais” encontrados; intervenções urbanas a partir dos equipamentos “para-formais” existentes; organização de dados referentes à coleta de imagens e análise das atividades realizadas. Conforme os itens abaixo:

A- Pesquisa referente às cidades estudadas:

Nesta etapa houve uma pesquisa relacionada à cada cidade em que foi feita a oficina (próximo passo), referente ao número de habitantes, à morfologia urbana, histórico da cidade e do território (área central das cidades) onde foram feitas as fotos. Pesquisou-se também sobre a teoria da imagem e da comunicação, pois a pesquisa baseia-se em fotografias. Todos estes dados foram sistematizados em um relatório da pesquisa.

B- Coleta de imagens exploratórias errantes em trechos de áreas centrais de cidades:

O primeiro passo efetivo para o andamento da pesquisa foi a coleta das imagens. Essa coleta foi realizada a partir de oficinas (experimentos coletivos⁴) ministradas para grupos diversos, formados por moradores e não moradores das cidades. As imagens e errâncias foram feitas sempre nos centros “comerciais” das cidades, tendo-se sempre um ponto de saída e um ponto de chegada, mas nunca um caminho determinado a seguir.

4 O conceito de experimento coletivo segundo Bruno Latour em “Políticas da Natureza” (2004) é definido como o encarregado de reunir as múltiplas associações de humanos e não humanos sem segregação, uma espécie de “República das coisas”. Aos não humanos deveria ser dada a palavra, embora em poucos momentos o autor tenha explicitado como os não-humanos podem “falar” sem passar pelos seus porta-vozes, os cientistas.

C- Identificação, análise e classificação dos equipamentos “para-formais” encontrados:

Esta etapa buscou identificar em cada fotografia feita durante os trajetos de errâncias os equipamentos “para-formais” presentes em cada cena registrada (bancas, cestos, caixas, bancos, etc.) (figura 3). Depois, após terem sido identificados (com base em atividades realizadas pós errâncias, com o grupo de participantes), foram analisados e classificados quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações, além de fazer a relação dos corpos com os equipamentos e de reconhecer elementos urbanos/climáticos que possam modificar ou possibilitar as atividades (como o clima, a estação do ano, calçadas, marquises, etc.).



| | | | | |
|---------------|--|--|---------------------------------|--|
| ENTRUGADO | NOME (U): | Cláudia Nunes e Tania Vasconcelos | PROCEDÊNCIA: | <input type="checkbox"/> TURVIA |
| | IDADE(S): | 22/24 anos | <input type="checkbox"/> NATIVO | |
| TEMPORALIDADE | MAIL(S): | claudia_nu@hotmail.com | INSTITUIÇÃO/PROFISSÃO: | estudantes de arquitetura e urbanismo - UFPA |
| | TEMPO/CLIMA: | BOL CHUVA Nublado | DATA: | 11/10/12 |
| ATIVIDADE | [] MENTO QUENTE JARMO BRIO | | TURNO: | <input type="checkbox"/> MANHÃ <input type="checkbox"/> TARDE <input type="checkbox"/> NOITE |
| | [] COMERCIO (venda de roupas) CULTURA/ARTE ESPORTRIA | | QUANTIDADE: | <input type="checkbox"/> ÚNICO <input type="checkbox"/> GRUPO |
| SENTIDOS: | [] CHEIRO <input type="checkbox"/> SONS <input type="checkbox"/> TATO <input type="checkbox"/> COR/TEXTURA <input type="checkbox"/> | | | |
| | LOCALIZAÇÃO: | <input type="checkbox"/> VAZIO <input type="checkbox"/> ABANDONO <input type="checkbox"/> ESCURTA <input type="checkbox"/> PESSOAL, em frente à edificação | CONDICIONANTE AMBIENTAL: | <input type="checkbox"/> SOMBRA <input type="checkbox"/> MOVIMENTO <input type="checkbox"/> NATUREZA <input type="checkbox"/> PISO/PÁPIO <input type="checkbox"/> PAREDE/PÁPIO <input type="checkbox"/> de vidro |
| NÚMERO CORPO: | <input type="checkbox"/> ÚNICO <input type="checkbox"/> GRUPO <input type="checkbox"/> | | POSIÇÃO DOS CORPOS: | <input type="checkbox"/> SENTADO <input type="checkbox"/> EM PÉ |
| | PORTE: | <input type="checkbox"/> PEQUENO <input type="checkbox"/> MÉDIO <input type="checkbox"/> GRANDE <input type="checkbox"/> | INSTALAÇÕES: | <input type="checkbox"/> ELÉC. <input type="checkbox"/> HÍDRIC. <input type="checkbox"/> SOMB. <input type="checkbox"/> TIV. <input type="checkbox"/> MESH/UMA <input type="checkbox"/> |
| MÓBILIDADE: | <input type="checkbox"/> MÓVEL <input type="checkbox"/> AMBULANTE <input type="checkbox"/> FIXO <input type="checkbox"/> | | | |

Figura 3. Tabela de análise das cenas “para-formais” Fonte: Eduardo Rocha, 2013.

D- Organização de dados referentes às coletas de imagens:

Com a finalidade de organizar todo o material obtido, foi compilado um relatório da pesquisa, onde, além de discutir a visão do grupo sobre a “para-formalidade”, reuniu-se as imagens obtidas de todas as cidades latino-americanas levantadas. Para isso, delimitou-se uma sequência de dados referentes de cada cidade, primeiramente falando sobre o traçado urbano da cidade, trajeto de errâncias (figura 4). A seguir foram escolhidas de 10 a 15 cenas “para-formais” destacadas tanto por sua originalidade como por sua repetição.

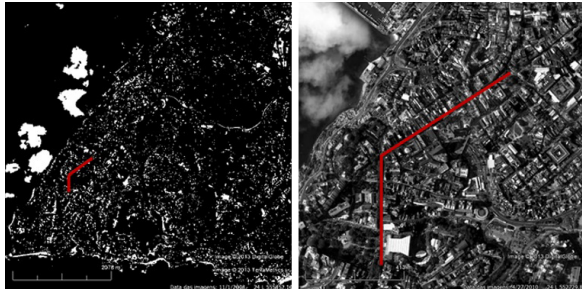


Figura 4. Mapas com a demarcação dos trajetos principais das errâncias na cidade de Salvador. **Fonte:** Eduardo Rocha, 2013.

E- Análise do material coletado: Foram feitos alguns cruzamentos das informações obtidas a partir das cidades pesquisadas, descobrindo-se os tipos de atividades e equipamentos mais ou menos utilizados nas cidades e relacionando-o com o espaço urbano (figuras 5). Também se descobriu como são os corpos “para-formais”, compreendendo quais as diferenças de um lugar para outro. Mas as principais análises focaram no espaço público onde as atividades “para-formais” encontravam-se, relacionando com a prática do urbanismo e do planejamento urbano.



Figura 5. Trailers na cidade de Jaguarão. **Fonte:** Rafaela Pinho, 2013.

“Para-formalidades” disputam o espaço com novas construções, as bancas de revistas confundem-se com os vendedores ambulantes, os cartazes anunciando promoções nas lojas e os anúncios das traseiras dos ônibus. Quando muito se vê, pouco se percebe. Em meio a tantas imagens, e seu acúmulo veloz, o homem se espelha e se estranha em seu próprio abandono.

Tudo que é pequeno desaparece. Mas, se perdemos tudo o que é pequeno, perdemos também nossa orientação, nos tornamos vítimas do que é grande, impenetrável, superpotente. Deve-se lutar por tudo o que é pequeno e que ainda existe. Aquilo que é pequeno confere ao que é grande um ponto de vista (WENDERS, 1994, p. 187).

Assim, alguns cruzamentos foram feitos a partir do material coletado, levando-nos na direção de algumas descobertas, destacamos:

Trailers: Os trailers são a categoria “para-formal” de “maior evidência” nas cidades de Jaguarão, Bagé, Pelotas, Santo Ângelo e Montevideu (figura 6); são encontrados em locais diversos da cidade, desde a praça central, como em canteiros centrais, ruas de menos trânsito e juntamente com outros aglomerados “para-formais”. Contrariando as leis municipais, estes, que deveriam ser móveis, hoje encontram-se fixos nos locais que escolheram como pontos comerciais, seja porque estão concretados ou fixos no solo, ou porque até mesmo porque possuem alguma estrutura ao seu redor. Em sua maioria, esses equipamentos “para-formais” são utilizados para a venda de lanches e alimentos em geral, com algumas exceções são utilizados para a venda de vestuário, brinquedos e diversas outras mercadorias. Por mais que tais equipamentos sejam irregulares, tirem lugar do estacionamento dos carros ou até mesmo prejudiquem o fluxo das pessoas nas calçadas (que na maioria das vezes são ocupadas por mesas e cadeiras); poucos habitantes de Jaguarão, por exemplo, optariam por uma cidade sem trailers.

O resultado da pesquisa apontou positivamente para o uso de trailers no espaço público, mostrando que as pessoas gostam de ter os equipamentos em sua cidade, pelos mais diferentes motivos: é

tradicional, gera movimento e maior segurança à noite, gostam da variedade de lanches, atrai pessoas para o local, entre outros. Cabe ressaltar a péssima qualidade estética e sanitária de alguns desses trailers, o que para a imagem da cidade não causa uma boa sensação.



Figura 6. Trailers na cidade de Montevideu. **Fonte:** Débora Allemmand, 2013.

Paraciclos inventados: Os chamados aqui de “paraciclos inventados” são encontrados em grande quantidade nas cidades de Jaguarão (figura 7), Pelotas e Santiago. Qualquer coisa: grade, poste, etc., pode servir de apoio para guardar a bicicleta do usuário no centro da cidade.

Durante as errâncias pudemos observar uma enorme quantidade desse uso “para-formal” de um elemento do espaço público e também privado indiscriminadamente. Esse fenômeno não é observado exclusivamente nessas cidades, mas em todas as cidades que possibilitam o uso da bicicleta como meio de transporte e contraditoriamente não é incentivado pelo poder público ou privado das cidades. A cidade está gritando “Eu quero paraciclos para as minhas bicicletas!”.

Mas se a cidade não tem espaço para os ciclistas, por que a bicicleta ainda é o meio de locomoção de muitos? Por que ela ainda resiste, re-existe na cidade? Segundo Thaís Portela (2009), as resistências são uma forma de as Minorias irem contra os modelos de desenvolvimento ditados pelas Maiorias. Um bom exemplo é o uso do automóvel como o principal modal na cidade,

ocupando a maior parte do espaço das vias e minimizando os espaços para as pessoas. Ao contrário disso, e entendendo que, se as cidades são para serem usadas, vividas pelas pessoas, a bicicleta pode ser uma maneira interessante de experimentá-la e, ao mesmo tempo, ser um meio de transporte eficiente, que chegue rapidamente em praticamente todos os locais e que contribua para a diminuição do consumo das fontes de energia do planeta.

Destacamos aqui que:

- Pedalar na cidade pode ser uma boa forma de senti-la, descobri-la, observando as brechas, as margens, as atividades que acabam passando despercebidas quando andamos de carro ou ônibus, quando entramos na “cápsula” que nos transporta de um lugar a outro, que não nos permite observar o caminho.

- A bicicleta é um meio de expressão da sociedade e “grita” por espaço e por visibilidade. Nem mais, nem menos que os outros modais, ela deve apenas ser considerada no planejamento da cidade e nos projetos de ampliação ou reorganização viária.



Figura 7. Paraciclos inventados na cidade de Jaguarão. **Fonte:** Débora Allemand, 2013.

“Para-formal” no formal: Uma categoria muito recorrente nas cidades de Jaguarão, São Paulo (figura 8), Bagé e Santo Ângelo é o que chamamos de “para-formal no formal” trata-se de atividades “para-formais” que ocorrem anexadas às atividades formais (lojas, restaurante, etc.). O formal avança sobre o espaço público indiscriminadamente, acomodando-se nas calçadas, fachadas e até mesmo em vagas de estacionamento e caixas de rolamento. Uma extensão das vitrines. É cultural em algumas cidades que os produtos oferecidos pelos estabelecimentos fiquem à mostra para chamar a atenção do consumidor.

Muitas das edificações comerciais são de interesse histórico e são de tipologia residencial (eclético-historicistas), dificultando a existência e abertura de vitrines convencionais, assim, o comerciante opta pela exposição da mercadoria para fora de seu espaço privado, gerando o que chamamos de “para-formal” no formal.



Figura 8. “Para-formal” no formal na cidade de São Paulo. **Fonte:** Débora Allemand, 2013.

Vendedores isolados móveis ou ambulantes:

Ao andar pelas ruas da cidade, uma atividade que chama atenção são os vendedores isolados móveis (figura 9), são aqueles que tentam vender seu produto sem “ponto comercial fixo” – talvez um território fixo –; mas como não tem um local determinado no mapa da cidade, a cada dia ou hora podem se deslocar, seja a procura de sombra ou de possíveis novos clientes. Tudo num

movimento nômade.

Também são encontradas diversas formas de “para-formalidades” ambulantes, aquelas que caminham o tempo todo, se movimentam pela cidade: vendedores de produtos diversos, anunciantes, propagandas sonoras, divulgadores de produtos e estabelecimentos, etc.



Figura 9. Vendedores isolados móveis e ambulantes na cidade de Salvador. **Fonte:** Eduardo Rocha, 2012

Grandes conjuntos “para-formais”: Conjunto este normalmente conhecido como “Camelôs” (figura 10), trata-se de um aglomerado de atividades “para-formais”, formado por bancas que vendem de vestuário a eletrônicos, passando por alimentos e de tudo o que se possa imaginar. É composto por trailers, bancas e alguns vendedores ambulantes. Na sua maioria as atividades ou equipamentos são fixos no espaço público. Sua implantação não segue nenhum padrão ou regularização definida, embora veladamente os espaços sejam definidos e demarcados. Circular por esses conjuntos é como andar em um labirinto.



Figura 10. Grande conjunto “para-formal” na cidade de Jaguarão. **Fonte:** Eduardo Rocha, 2012.

Moradores de rua: Cenas encontradas em boa parte das cidades estudadas são os moradores de rua (figura 11); pessoas desfavorecidas que por falta de opção, moram em calçadas, normalmente em lugares abertos, porém cobertos com marquises; estas por estarem presentes todos os dias nas ruas acabam por fazer parte do cenário urbano o qual estamos acostumados a conviver.

Tais moradores na maioria das vezes são pedintes, ou seja, vivem de pedir esmolas nas ruas, coisa que afeta o bem-estar da população que não se sente confortável com esta situação. Infelizmente é realidade em boa parte das cidades da América Latina.



Figura 11. Morador de rua na cidade de Montevideu.
Fonte: Eduardo Rocha, 2013.

Sonoro: Ao andar pelo centro das cidades há uma categoria que destaca-se pelo som, é composta por cantores e compositores, que se dedicam a apresentar suas canções no espaço público (figura 12). Além de “disponibilizar” a sua música, ao vivo ou em gravação, em troca de dinheiro, os músicos também procuram vender seus produtos personalizados, tais como CDs e DVDs.

O som é uma categoria que merece um estudo específico, pode ser harmonioso ou apresentar-se como poluição sonora no espaço da cidade. São compostos por toda a mistura que o espaço público suporta em suas cordas vocais, por isso às vezes desafia.

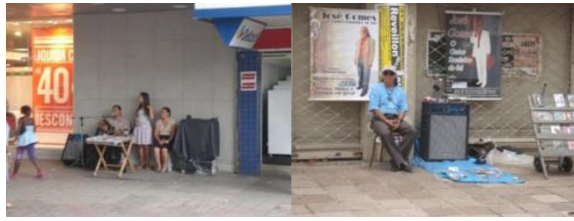


Figura 12. Músicos urbanos na cidade de Pelotas.
Fonte: Rafaela Pinho, 2013.

CARTOGRAFIAS DO “PARA-FORMAL” NAS CIDADES LATINOAMERICANAS

No decorrer do processo de pesquisa foi necessário um recorte espacial nas cidades escolhendo o centro dessas cidades como alvo do estudo. Centro aqui pensado como o lugar da congregação, complexidade e densidade de cenários “para-formais”, geralmente caracterizados por calçadas, largos e grandes fluxos de pedestres. Esse recorte espacial rebatizou o projeto de: “Para-formal no Centro da Cidade”. As conclusões são tiradas, então, a partir de três frentes, o espaço público, o equipamento e o corpo:

Espaço público “para-formal”: Encontramos para-formalidades nos seguintes espaços: calçadas, marquises, esquinas, abandonos, vazios, entre outros. Acoplamentos aos equipamentos urbanos (banco, poste, lixeiras, etc.) que podem ser referência para os lugares das “para-formalidades”.

Muitos buscam a sombra em lugares onde o clima é quente ou o sol para esquentar nos dias de frio. O movimento do sol e das sombras delimita um certo lugar utilizável pelos “para-formais” no espaço público.

Encontramos muitos trailers (equipamentos grandes e fixos) desde a praça até em canteiros centrais de avenidas, ruas de menos trânsito e juntamente com outros aglomerados “para-formais”.

Coexistem na categoria “para-formal no formal”, onde as atividades “para-formais” ocorrem anexos às atividades formais (lojas, restaurantes, ferragens, etc.). O formal avança sobre o espaço público indiscriminadamente, acomodando-se nas calçadas, fachadas e até mesmo em vagas de estacionamento e caixas de rolamento. Uma espécie de extensão das vitrines.

Concluiu-se, então, que o uso das calçadas pode “poluir a visual” das ruas, porém, em muitas das cidades, este hábito é aceito pela população que inclusive “interage” com os produtos, podendo ver e tocar na mercadoria sem precisar entrar no estabelecimento. Outro destaque é que alguns desses estabelecimentos, em frente às suas instalações, oferecem serviços e equipamentos públicos aos moradores da cidade, como: bancos para descansar, lixeiras, paraciclos, sombra, etc. Observa-se que essa invasão do espaço público quando indiscriminada nos passeios públicos pode obstruí-los e torná-los obstáculos para os pedestres. Nota-se também, sobre os espaços ocupados pelos equipamentos grandes, como os trailers, que esses necessitam de estudos a respeito de onde serão alocados no espaço público: é papel do arquiteto e urbanista planejar os espaços “para-formais”.

Outro tipo de “para-formalidade” que necessita de estudo e planejamento são os grandes conjuntos “para-formais”, que determinam e afetam, as vezes, grandes zonas da cidade, um território maior que o ocupado fisicamente pelo mesmo. Essas zonas devem ser alvo de estudos pormenorizados, porque tais zonas/territórios podem acabar tomando uma proporção de abrangência e desregularização indesejada para um bom funcionamento da cidade (existem casos em que essa desregulação acaba tomando conta de todo um bairro ou até mesmo de toda uma cidade).

Equipamento “para-formal”: Os equipamentos foram divididos em três categorias quanto: ao tamanho, mobilidade e instalações. Encontraram-se muitas “para-formalidades” pequenas e móveis e outras muitas grandes e fixas (como os trailers, que possuem, em sua maioria, instalações hidráulicas e elétricas).

A cidade de Salvador, por exemplo, possuía muitos equipamentos pequenos móveis, como carrinhos de venda de sucos. Já em Bagé e Jaguarão, observou-se uma grande quantidade de trailers, que deveriam ser móveis mas hoje, na maioria das vezes, encontram-se fixos nos locais que escolheram para permanecer, seja porque estão concretados ou fixos no solo, ou porque até mesmo podem possuir alguma estrutura ao seu redor. A maioria dos moradores de Bagé e Jaguarão concluiu que gosta dos trailers, porque eles trazem segurança à noite e são uma opção de alimentação barata, fazendo parte do cotidiano dos lugares, já usuários contrários aos trailers alegam que eles atrapalham o visual da arquitetura do local – “são feios”.

Concluiu-se que os equipamentos grandes e fixos, “arquiteticamente” não apresentam boas soluções, são na sua maioria adaptados e localizados em pontos muitas vezes estratégicos para a percepção da imagem da cidade, muitos deles ocupando “grandes” áreas públicas. Além disso, muitos dos trailers capturados nas errâncias estavam em situação precária de conservação e higiene.

Já as cenas/atividades ambulantes e móveis, animam o espaço público da cidade, fazendo com que a cada momento nos deparemos com novidades, sensações, sons e paisagens diferentes. Os ambulantes e móveis trazem soluções criativas para o centro da cidade, inventam novos usos e para isso não poupam estratégias de sobrevivência e vivência. Conseguem criar uma

rede de dependência para seus usos e atividades – “é impossível viver sem eles”.

Corpo “para-formal”: O corpo “para-formal” geralmente está presente nas atividades que observamos e muitas vezes ele é a própria “para-formalidade”, é o protagonista. Podem estar sentados, em pé ou caminhando. Em grupos ou solitários.

O “corpo-paraformal” é aquele que tenta vender seu produto sem “ponto comercial fixo”, sem um local determinado no mapa da cidade, a cada dia ou hora podem se deslocar, seja a procura de sombra ou de possíveis novos clientes, mas estão sempre por perto de aparatos, sejam públicos ou que eles próprios carregam.

Observou-se também que os corpos que acompanhavam os equipamentos médios e móveis geralmente se encontravam sentados ou em pé, ao lado do equipamento. Já nos trailers por exemplo, os corpos estavam dentro do próprio equipamento, podendo movimentar-se com certa facilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notou-se, também, que as cenas “para-formais” não chegam a ser obstáculos, mas por outro lado pontos de referência – coisas interessantes (GEHL, 2013) – e que chegam a servir como parada e descanso ao pedestre (apoio corporal).

A partir das análises e cruzamentos de mapas, foi possível chegar a alguns resultados, como:

- 1) O «para-formal» é carregado de costumes e identidade/diferença cultural local;
- 2) O «para-formal» nos ensina novas soluções para a cidade na contemporaneidade, assim como anima, ensina, vive e experimenta a cidade;
- 3) O desenho urbano existente (legal) acomoda-se às cenas «para-formais» e vice-versa;
- 4) Ao mesmo tempo, o «para-formal» também em

várias cenas polui, atrapalha e violenta a cidade e o cidadão e;

5) O «para-formal» denuncia a ausência de equipamentos urbanos.

Com base nos estudos, análises, oficinas e intervenções, pode-se afirmar, ao final da pesquisa que coexiste uma cidade “para-formal», uma cidade paralela à cidade formal. Encontrou-se um espaço de indiscernibilidade, uma zona esfumada, onde podemos abandonar ou encontrar tudo aquilo que ali mesmo havíamos perdido. A cidade ora limita, ora liberta os corpos e as ideias, o tipo de movimentação experimentada no corpo dos usuários é modificado conforme a cidade modifica-se.

Caminhando nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano que surge uma outra cidade, intensa, viva. O “Outro urbano” é aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano dessa outra urbanidade, através de táticas de resistência e apropriação do espaço urbano, de forma anônima (ou não) e dissensual, radical. Esse “Outro urbano” se explicita através da figura do morador de rua, ambulante, camelô, catador, prostituta, artistas, entre outros. São estes que a maioria aponta por manter na invisibilidade, opacidade, sendo “alvos” da regulação, ou nas palavras de Paola Jacques (2012), “asepsia” dos projetos e intervenções urbanos. Portanto, compreende-se a importância das errâncias urbanas como forma de construção da cidade, abrindo espaço para discussões e pensamentos a respeito do lugar do ser humano.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- GHIL, Jan. **Cidades para as pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. GHIL, Jan; SVARRE, Birgitte. How to study public space. Londres: Island Press, 2013.
- GRIS PUBLICO AMERICANO. **Para-formal**: ecologias urbanas. Buenos Aires: Bismar Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.
- JACQUES, Paola Bereinstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza**. Bauru: UDUSC, 2004.
- PORTELA, Thaís. **A escuta às Resistências**. In: XIII Encontro da Associação Nacional De Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Florianópolis, 2009. Anais Encontros Nacionais da ANPUR, v. 13, Florianópolis: 2009.
- ROCHA, Eduardo. **Cartografias Urbanas**. In: Revista Projectare. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.
- WENDERS, Wim. **A paisagem urbana**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. N. 23. 1994.